



CULTURA PROFISSIONAL

A "A DEFESA NACIONAL" E O SEU 42º ANIVERSÁRIO

Major FRANCISCO RUAS SANTOS

"A verdadeira função da história é a de nos libertar do passado, de esclarecer o presente."

„(José Honório Rodrigues, em sua obra *Teoria da História do Brasil*.)

Quarenta e dois anos estará completando esta Revista, quando este número estiver chegando aos quartéis, estabelecimentos e residências dos seus assinantes. Na mesma ocasião devemos dar por acabada a tarefa de percorrer, página por página, cada número dos 493 que a este antecedem, anotando tudo o que ali ficou de interessante para a elaboração da história do Exército, a bio-bibliografia dos colaboradores e as referências para consultas dos que estudam. Pudemos, assim, ver confirmada a idéia sugerida ao início pela teoria, de que não seria possível escrever-se a história do Exército, de 1908 para cá, sem, preliminarmente, preparar-se e valorizar-se como fonte primacial, que é, a nossa querida *Defesa*.

O alentado volume a ser entregue, ao mesmo tempo, à Revista e à Biblioteca do Exército, provará, aos incrédulos, a transcendental im-

portância intrínseca de *A Defesa*. E mais ainda: demonstrará que a sua coleção corresponde a uma verdadeira biblioteca militar, com cerca de 500 volumes cheios de substância cultural e histórica.

O que isto representa como trabalho material é notável.

Basta que tenhamos em mente que a coleção de *A Defesa* é o dôbro da série de obras dadas a lume pela Biblioteca do Exército no período de suas atividades como editora, ou de 1937 para cá! E notemos, de passagem, que esse trabalho editorial da Biblioteca do Exército já constitui, por si só, algo de impressionante como esforço metodizado para proporcionar aos militares, por preço acessível, uma boa estante de obras de cultura profissional e geral.

Se levarmos, agora, em linha de conta, as obras publicadas pela Revista e a edição, em *separata*, de

muitos e muitos dos artigos que publicou, verificaremos, não sem certo assombro, que a obra editorial de *A Defesa* vem a ser, em última análise, o mais amplo repositório profissional de que dispôs o Exército, justamente na fase em que era impossível ou difficilimo o acesso às fontes de consulta, por inexistentes ou de edição restrita os regulamentos mais necessários aos oficiais.

Lembre-mos, agora, de que a *A Defesa* tem sido o produto do esforço de um grupo de companheiros que se revezam, na horas disponíveis, na tarefa de editar e manter a publicação. A conclusão imediata é a de que muito pode a iniciativa particular quando superiormente orientada. Mas a nossa admiração não conhecerá limites, se lembrarmos a constante luta pela sobrevivência da Revista, travada por esse grupo de oficiais desde 1913. Em períodos de crise, que os teve, e muitos, os seus mantenedores, já parcos de recursos, como sói ser, via de regra, o oficial do Exército, tiveram de cotizar-se para conservar acesa a chama de um nobre ideal. Nessas conjunturas não esmoreceram os mantenedores na luta árdua e penosa a que se haviam lançado em prol da eficiência do Exército. E ainda quando a incompreensão ou a ignorância, em nome da disciplina supostamente ferida, tentou abafar a voz da verdade, que partia do mais profundo sentimento do dever para com a Pátria.

Mais, muito mais, poderíamos dizer e relebrar.

É escusado, porém, alinhar as razões pelas quais o Exército de hoje e a Nação têm uma dívida para com a nossa Revista. É uma dívida simbólica, da mesma natureza da que os povos têm para com seus heróis — soldados, idealistas, homens de Estado — que se sacrificam para que seus irmãos não sofressem, ou tivessem minorados os seus sofrimentos. Pois foi ela a campeã — muitas vezes sózinha em campo — das idéias que propiciaram a transformação da absoleta máquina de 1908 num Exército que, se bem não

seja o dos melhores sonhos de muitos, e uma instituição que sente seus problemas e deficiências e, mais do que isso, espera solucioná-los um dia, muito embora, em certos casos, não haja atinado ainda com a solução.

Ora, é precisamente esse conhecimento do que resta a fazer, essa ânsia de progresso que não vê obstáculos, o melhor ideal que a *Defesa* implantou na mentalidade militar moderna, através da sua luta incessante de quatro décadas.

“O progresso é obra dos dissidentes”, afirmava a Revista no seu editorial de apresentação e com plena ciência de que esses dissidentes eram, no caso, restritíssima minoria na liça das idéias e ações.

Ainda hoje o progresso é obra dos dissidentes ou dos inconformados com o atrazo e a ignorância. Com uma diferença, todavia: é que os dissidentes, por obra do longo e árduo batalhar da Revista, são, mercê de Deus, não mais apenas o pugilo de *jovens turcos* de 1913, mas legião numerosa e não menos combativa.

Só podemos nos dar conta disso, realmente, se procurarmos situar-nos num ponto em que possamos ter uma visão larga do nosso passado militar.

Então veremos que os filhos espirituais de *A Defesa* estiveram e estão hoje em todos os lugares. São os que procuram encontrar novos rumos para produzir e não se contentam apenas em fazer o que se lhes pede. São os que se grudam a uma idéia e porfiam por levá-la a bom termo, como o selô do Correiô naquela célebre imagem de que lançou mão aquêlê pai americano, e com a qual tanto se comprazia a Revista nos seus tempos heróicos. São aquêles que, muitas vezes, sem ponderar suas conveniências pessoais, ousam discordar das idéias que a razão e os fatos não sancionam. São os que não cortejam e os que não se compadecem com o erro, o comodismo ou as falsas aparências. E muitos tornam-se heróis nesta sua luta de todos os dias e se ombreiam com os sacrificados no campo de batalha.

Porque se a êstes a morte liberta de todos os sofrimentos, aos primeiros a vida pode continuar a proporcionar efeitos negativos da sua coragem moral, como a inveja, a má vontade, a perseguição surda ou a difamação mascarada por conceitos reticentes.

São filhos espirituais da Revista os que estudam, meditam e produzem para o Exército, sem esperar outra recompensa que a do contentamento interior. São, acima de tudo e de todos, os que, mesmo encanecidos e com a carreira encerrada ou cruelmente cortada, ainda pensam e trabalham para o Exército, como nos dias esperançosos do seu tempo de Tenente.

Em tudo isso temos, apenas, uma pequena parte da ação e da obra da Revista...

E o que não dizer das profundas lições que sua existência encerra?

Quantas sugestões não se escondem entre as dezenas de milhares de páginas de sua coleção? Quantas diretrizes para os reformadores que se dispuseram aperfeiçoar a nossa instituição!

Ali as gerações atuais e as vindouras não de ver como certos problemas, que são de hoje, e talvez serão também de amanhã, teimam em permanecer insolúveis na prática, embora já com seus termos discutidos e perfeitamente equacionados!

Qual a razão disso? Haveremos de interrogar.

A própria coleção da Revista poderá nos auxiliar e muito na busca de tão estranha causa.

Escreveu Goethe, com genial intuição, que o conhecimento histórico é uma forma de libertar-se do passado, conclusão a que iriam chegar, por outros caminhos, alguns dos maiores historiadores e filósofos do presente.

Libertamo-nos do passado, com o auxílio da história, quando isolamos

nossos erros, examinamo-los e os comparamos com acertos, decifrando, enfim, os segredos que a experiência pretérita contém. Esquadrihamos o passado social, como o fazemos com o nosso próprio passado, a fim de não sucumbirmos de novo no erro e ao influxo, do eterno *decifra-me ou devoro-te* da mitologia helênica.

Assim, encarada a Revista como meio para se atingir essa libertação de um passado cheio de experiências malogradas, havemos de ver que ela é como espelho polido a refletir as imperfeições de nossa instituição, deficiências que são de hoje, mas não vêm de nossos dias, senão que recuam bem no tempo até se perderem nas linhas indecisas do passado mais remoto. É que, com o perpassar dos anos, as páginas da Revista foram registrando, mês a mês, passo a passo, ainda palpitantes de vida, tôdas as cogitações tôdas as queixas, todos os anseios, todos os desabafos, tôdas as fraquezas e todos os erros do Exército, de modo a que, hoje, apresenta-nos, em verdadeira grandeza, o que somos realmente, o que podemos e o que devemos ser para poder mais e mais.

Contemplar-nos nesse espelho é um imperativo a que não podemos fugir se quisermos inteirar-nos de nossas falhas para, afinal, compreendermos sua etiologia e avançarmos céleres no caminho do aperfeiçoamento almejado.

A nossa Revista, que nos havia prestado serviços incontáveis e da mais alta valia, é, hoje, e poderá vir a ser ainda por muito tempo, o melhor veículo para êsse verdadeiro tratamento catártico de que as gerações atuais, mais do que as de ontem, precisam submeter-se para resolver os grandes problemas militares, econômicos e políticos que nos assaltam nesta quadra difícil da vida nacional.